
A EXPERIÊNCIA DA MORTE DE PACIENTES PARA PROFISSIONAIS DE ENFERMAGEM: UMA REVISÃO INTEGRATIVA

*The experience of death of patients for nursing
professionals: an integrative review*

Lucila Moura Ramos Vasconcelos¹
Elza Maria do Socorro Dutra²

¹ Aluna do doutorado
do programa de pós-
graduação em psicologia
da Universidade Federal
do Rio Grande do Norte
– UFRN.

² Professora Titular do de-
partamento de psicologia
e do programa de pós-
graduação em psicologia
da UFRN.

VASCONSELOS, Lucila Moura Ramos e DUTRA, Elza Maria do Socorro. A experiência da morte De pacientes para Profissionais de enfermagem: uma revisão integrativa. *SALUSVITA*, Bauru, v. 37, n. 2, p. 341-353, 2018

RESUMO

Introdução: em uma sociedade tecnicista falar sobre a morte é algo que muitas vezes desagrada e deve ser evitado. E o que seria do mundo se ninguém mais morresse? Refletir sobre esta questão demonstra o quanto a morte está inerente a vida, como parte de um ciclo, e o quanto o homem, ao saber que é finito, pode modificar a sua forma de viver. Esta condição de finitude torna o homem um ser-para-a-morte, como bem definiu Heidegger (2015). O ser-para-a-morte está no mundo como parte desse em um momento histórico específico que influencia a sua própria maneira de viver e ver a morte. **Objetivo:** realizar uma revisão integrativa de artigos nacionais e internacionais sobre a vivência da morte de pacientes

Recebido em: 10/02/2018
Aceito em: 11/06/2018

para os profissionais de enfermagem, utilizando a abordagem fenomenológica como método. **Método:** estudos realizados nas bases de dados Literatura Latino-Americana do Caribe em Ciências da Saúde, Base de Dados Bibliográficos Especializada na Área de Enfermagem do Brasil, Medical Literature Analysis and Retrieval System Online, PUBMED, SCIELO e o PORTAL DA CAPES. A coleta de dados foi em abril de 2016. Obteve-se uma amostra de dez publicações. **Resultados:** os profissionais de enfermagem sofrem diante da morte de pacientes e muitas vezes não sabem lidar com essa situação nem oferecer o apoio para os familiares. Esse sofrimento pode gerar várias enfermidades físicas e emocionais. **Conclusões:** recomenda-se reflexões sobre a ausência de preparo dos profissionais para a vivência da morte de pacientes, bem como a necessidades do suporte psicológico no cotidiano de trabalho para estes profissionais.

Palavras-chave: Morte. Enfermagem. Conceitos.

ABSTRACT

Introduction: *in a technicians society discussions on death is something disagreeable and should be avoided. What about the world if nobody died? To make some reflections on this issue shows how death is linked to life as a part of a cycle and how much man, aware of its finitude, can modify it way of life. This finite condition make man an object to die, as mentioned by Heidegger (2015). An object to die is within the world as part of it in a historical moment that has influence in his own way of life and on how to focus death.* **Objective:** *perform an integrative review of national and international articles on the experience of patient death for nursing professionals, using the phenomenological approach as a method.* **Method:** *studies on databases Latin American Caribbean Literature in Health Sciences, Bibliographic Database Specialized in the Nursing Area of Brazil, Medical Literature Analysis and Retrieval System Online, PUBMED, SCIELO and CAPES PORTAL. Data collection was in April 2016. Obtained a sample of ten publications.* **Results:** *nursing professionals suffer from the death of patients and often do not know how to deal with this situation or offer support to family members. This suffering can generate various physical and emotional illnesses.* **Conclusions:** *it is recommended to reflect on*

VASCONCELOS,
Lucila Moura Ramos e
DUTRA, Elza Maria do
Socorro. A experiência
da morte De pacientes
para Profissionais de
enfermagem: uma
revisão integrativa.
SALUSVITA, Bauru, v. 37,
n. 2, p. 341-353, 2018

VASCONCELOS,
Lucila Moura Ramos e
DUTRA, Elza Maria do
Socorro. A experiência
da morte De pacientes
para Profissionais de
enfermagem: uma
revisão integrativa.
SALUSVITA, Bauru, v. 37,
n. 2, p. 341-353, 2018

the lack of preparation of the professionals for the experience of the death of patients, as well as the needs of the psychological support in the daily work of these professionals.

Keywords: *Death. Nursing. Concepts.*

INTRODUÇÃO

A temática da morte vem sendo abordada de formas distintas ao longo da história da humanidade. Como aponta Philippe Ariès (2003) a concepção de morte natural apresentada nas sociedades primitivas, nas quais a morte fazia parte do cotidiano das pessoas e não havia uma separação rígida entre vivos e mortos, é muito diferente do distanciamento da morte existente na sociedade contemporânea na qual a juventude e a cura são valorizadas como prioridades para a vida.

Em uma sociedade tecnicista, falar sobre a morte é algo que muitas vezes desagrada e deve ser evitado. A morte passou a ser vista como a “indesejada das gentes”, como aponta José Saramago (2005) em seu livro *as Intermitências da Morte*. E o que seria do mundo se ninguém mais morresse? Refletir sobre essa questão demonstra o quanto a morte está inerente a vida, como parte de um ciclo, e o quanto o homem, ao saber que é finito, pode modificar a sua forma de viver. Essa condição de finitude torna o homem um ser-para-a-morte, como bem definiu Heidegger em *Ser e Tempo* (1927/1989). O ser-para-a-morte está no mundo como parte desse em um momento histórico específico que influencia a sua própria maneira de viver e ver a morte.

O distanciamento da morte também revela-se na vivência do luto: os mortos maquiados, os velórios realizados em jardins, o choro contido, o sofrimento revelado aos mais íntimos. Da mesma forma, o local da morte de doentes também mudou: do leito em casa envolto por familiares para os hospitais, locais tantas vezes frios e distantes dos parentes mais próximos. Nos hospitais, os doentes passaram a ser cuidados pelos profissionais da área de saúde treinados na visão tecnicista de busca da cura. Dentre esses, os enfermeiros acompanham o cotidiano da internação dos pacientes, o cuidado com os seus corpos, o controle sobre a vida, como também o sofrimento da família e as dores enfermo, dores do corpo e da alma (BOSS, 2006; KOVÁCS, 2010; ARIÈS, 2003).

São muitos os desafios vivenciados pelos profissionais de enfermagem, as dificuldades no cotidiano do trabalho somam-se o fato de enfrentarem situações de eminência de morte, ou da morte em si dos

pacientes. A falta de autonomia apresenta um peso nesse processo em razão do que não pode ser dito aos pacientes e familiares. E o não dito também incomoda, aflige ou distancia, paralisa, neutraliza. A morte apresenta-se como uma grande dificuldade enfrentada pelos profissionais de enfermagem tanto pela vivência do sofrimento como pela impotência diante da organização do sistema hospitalar (COSTA, 2008; BERNIERI; HIRDES, 2007; BRETÃS; OLIVEIRA; YAMAGUTI, 2006; GUTIERREZ; CIAMPONE, 2006).

Diante do exposto, a morte de pacientes pode ser entendida como uma realidade cotidiana para os profissionais de enfermagem. Com base na reflexão sobre essa realidade, a questão central dessa pesquisa foi estruturada da seguinte forma: como os enfermeiros vivenciam a morte de pacientes?. A busca do significado das experiências vivenciadas pelos profissionais remete a abordagem fenomenológica que tem como objetivo a compreensão dos fenômenos que se dá por meio da escuta atenta da narrativa dos participantes do estudo, um direcionamento, portanto, para uma análise qualitativa dos fenômenos (MOREIRA, 2004; DUTRA, 2002)

METODOLOGIA

Para a realização do presente estudo foi adotado o método da revisão integrativa da literatura. Esse método tem como finalidade a sistematização do conhecimento científico, de forma que o pesquisador aproxime-se da problemática que deseja apreciar e possa aprofundar-se sobre a temática de estudo, estruturando um panorama sobre a produção científica acerca do tema ao longo do tempo. O que, por sua vez, favorece a visualização de possíveis oportunidades de pesquisa. Com esse intuito, a coleta de dados seguiu a metodologia empregada nas cinco etapas: a) Identificação do tema e seleção da questão norteadora; b) Estabelecimento de critérios para inclusão e exclusão de estudos; c) Definição das informações a serem extraídas dos estudos selecionados; d) Interpretação dos resultados e e) síntese do conhecimento (BOTELHO; CUNHA E MACEDO, 2011; MENDES; SILVEIRA; GALVÃO, 2008).

Muito se tem pesquisado sobre enfermagem e morte. Utilizando os descritivos “nurse” and “death” para pesquisa nos seguintes bancos de dados: SCIELO, LILACS, MEDLINE, BDNF e PUBMED foram localizados 9.518 artigos. O que ressalta a importância da temática da morte para a atuação dos profissionais de enfermagem e a consequente preocupação com aspectos referentes a formação desses profissionais e a forma como os mesmos enfrentam a morte de

VASCONCELOS,
Lucila Moura Ramos e
DUTRA, Elza Maria do
Socorro. A experiência
da morte De pacientes
para Profissionais de
enfermagem: uma
revisão integrativa.
SALUSVITA, Bauru, v. 37,
n. 2, p. 341-353, 2018

VASCONCELOS,
Lucila Moura Ramos e
DUTRA, Elza Maria do
Socorro. A experiência
da morte De pacientes
para Profissionais de
enfermagem: uma
revisão integrativa.
SALUSVITA, Bauru, v. 37,
n. 2, p. 341-353, 2018

pacientes no cotidiano de trabalho. Como a temática de pesquisa para o presente artigo envolve: estudos nacionais e internacionais sobre a compreensão da vivência da morte de pacientes pelos profissionais de enfermagem.

A coleta de dados foi realizada por meio da consulta nas seguintes bases de dados: Literatura Latino-Americana do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), Base de Dados Bibliográficos Especializada na Área de Enfermagem do Brasil (BDENF), Medical Literature Analysis and Retrieval System Online (MEDLINE), PUBMED, SCIELO e o PORTAL DA CAPES. O levantamento dos estudos ocorreu nos mês de abril de 2016. Os descritivos utilizados para a busca em banco de dados foram “nurse” and “death” and “phenomenology”.

Para a realização de uma busca avançada com três descritores ao mesmo tempo, utilizou-se o operador booleano “[AND]” da seguinte forma: “death” AND “nurse” AND “phenomenology”. A escolha desses descritores foi realizada tendo como referência o objetivo da pesquisa.

Foram considerados como critérios de inclusão: estudos nacionais e internacionais realizados com profissionais de enfermagem (graduados) que contemplavam a vivência da morte de pacientes, que utilizavam a abordagem fenomenológica (método) e disponibilizavam os textos completos para leitura. Como critérios de exclusão foram definidos os seguintes: monografias, teses e dissertações, artigos repetidos em banco de dados, artigos que abordavam a percepção de estudantes de enfermagem sobre a morte, os que destacavam a atuação dos profissionais de enfermagem com as famílias enlutadas, enfim, os que fugiam à temática proposta por este estudo.

Da busca dos estudos foram selecionadas 101 publicações, sendo distribuídas da seguinte forma: 39 no PUBMED, 2 na LILACS, 5 no SCIELO, 2 na BDENF, 9 no MEDLINE e 44 no PORTAL DA CAPES. Para a seleção dos artigos, foi realizada uma triagem dos títulos relacionados ao tema em questão. A seleção foi realizada tendo como base a ideia principal: pesquisas de orientação fenomenológica buscando compreender a experiência da morte de pacientes para os profissionais de enfermagem. Foram excluídos, portanto, os artigos que contemplassem outros temas (que envolvessem os familiares de pacientes ou saíssem do foco dos profissionais de e enfermagem). Também foram excluídos os títulos repetidos que se apresentavam em diversas bases de dados. Excluídos os resumos que não versavam sobre o tema, os textos completos foram lidos detalhadamente. Desta forma, foram contemplados: 03 na PUBMED, 02 na MEDLINE e 05 no PORTAL DA CAPES, totalizando 10 publicações. Na análise de dados foram utilizadas tabelas com a síntese das informações contidas nos artigos. Para a etapa da discussão, foram categorizados

temas que emergiram das análises dos artigos com a finalidade de promover reflexões acerca do objetivo proposto por este estudo e, assim, suscitar novas possibilidades de pesquisas.

RESULTADOS

Apresenta-se no quadro a seguir (Quadro 1), as referências dos artigos selecionados na íntegra com o seu respectivo código. Observa-se uma concentração da origem das publicações nos Estados Unidos (40%) e no Reino Unido (30%). Vale salientar que em todos os artigos a abordagem fenomenológica foi utilizada como método. E, tendo essa abordagem como critério de inclusão, pode-se observar uma concentração das publicações a partir do ano 2000.

Quadro 1 - Apresentação dos artigos da amostra da Revisão Integrativa

Códigos	Autores	Ano de publicação	Origem
A1	GEROW L.; CONEJO P.; ALONZO A., et al.	2010	Estados Unidos
A2	HOPKINSON J.B.; HALLETT C. E.; LUKER, K. A.	2003	Reino Unido
A3	SAINES, J.C.	1997	Reino Unido
A4	SHORTER, M.; STAYT, L.C.	2010	Reino Unido
A5	WONG, F. K. Y.; LEE, W.Y.; LEE, W.M.	2000	Hong Kong
A6	SENO, V.L.	2010	Estados Unidos
A7	LEUNG, D.; ESPLEN, M.J.; PETER, E. ET AL.	2012	Canadá
A8	SILVA, L. C. S. P.; VALENÇA, C. N.; GERMANO, R. M.	2010	Brasil
A9	KONGSUWAN, W.; MATCHIM, Y.; NILMANAT, K.; et al.	2016	Estados Unidos
A10	KING, P.A.; THOMAS, S.P.	2013	Estados Unidos

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Para responder a questão de pesquisa, realizou-se a leitura dos artigos na íntegra, buscando compreender a vivência da morte de pacientes pelos profissionais de enfermagem. A partir da abordagem desses estudos, foram elencadas duas categorias: 1-Sentimentos dos enfermeiros diante da morte de pacientes; 2- Formas de lidar com a morte de pacientes.

DISCUSSÃO

Com base nas categorias apresentadas anteriormente, serão elencados os principais aspectos observados ao longo da leitura e análise dos artigos.

VASCONCELOS,
Lucila Moura Ramos e
DUTRA, Elza Maria do
Socorro. A experiência
da morte De pacientes
para Profissionais de
enfermagem: uma
revisão integrativa.
SALUSVITA, Bauru, v. 37,
n. 2, p. 341-353, 2018

VASCONCELOS,
Lucila Moura Ramos e
DUTRA, Elza Maria do
Socorro. A experiência
da morte De pacientes
para Profissionais de
enfermagem: uma
revisão integrativa.
SALUSVITA, Bauru, v. 37,
n. 2, p. 341-353, 2018

1) Sentimentos dos enfermeiros diante da morte de pacientes

Todos os artigos analisados, A1 a A10, contemplaram os sentimentos vivenciados pelos enfermeiros diante da morte de pacientes. Os sentimentos de perda, tristeza, impotência, culpa, raiva foram relatados, pelos enfermeiros, como presentes de forma recorrente no ambiente de trabalho.

Vale destacar os comentários apresentados no artigo A4 que refletem os sentimentos de tristeza e frustração dos profissionais de saúde em relação aos pacientes que morrem sob seus cuidados. Para os enfermeiros entrevistados, a morte de pacientes pode ser considerada menos traumática quando é percebida pelo profissional como uma “boa morte”, definida como aquela que livra o paciente de tanto sofrimento, apresenta previsibilidade e ocorre com a devida assistência da equipe de enfermagem. Por sua vez, a morte de pacientes é classificada como mais significativa quando os profissionais desenvolveram um vínculo maior com os pacientes e familiares, intitulado como um “compromisso significativo” (SHORTER, STAYT, 2010).

O artigo A7 destacou a existência de um conflito interno nos profissionais que, de um lado, se deparam com o compromisso de lutar contra a doença e, por outro lado, a necessidade de deixar o paciente diante da possibilidade da morte (de deixar ir). Os autores utilizaram o termo ‘desapego’, não para refletir a intenção de abandonar a vida, mas para libertar os pacientes das normas percebidas pela cultura da cura (LEUNG, et al, 2012).

Outro conflito vivenciado pelos profissionais (relatado no artigo A2) é o do uso do tempo, a escolha entre acompanhar um paciente que está morrendo e precisa de apoio e atender às necessidades dos outros pacientes. Os profissionais sentem-se impotentes dividindo seu tempo entre estas demandas, o que pode levar à manifestação de outros sentimentos como culpa, frustração e raiva (HOPKINSON, HALLETT, LUKER, 2003).

Esteve presente na discussão de todos os artigos, portanto, o sentimento de impotência, bem como as repercussões físicas e emocionais nos profissionais de enfermagem diante da morte de pacientes. Especialmente nos casos em que os enfermeiros consideraram que algo mais poderia ter sido feito, mas não foi possível, a tecnologia não alcançou, os cuidados não foram suficientes para o objetivo da cura, da sobrevivência.

2) Formas de lidar com a morte de pacientes

Dentre os artigos avaliados, todos apresentavam questões quanto à forma com que os enfermeiros reagem diante da morte de pacientes, a postura e os procedimentos adotados pelos profissionais. O artigo A1, em particular, chama a atenção para essa temática desde o título, no qual enfatiza que os enfermeiros criam uma cortina de proteção para o enfrentamento da morte. Essa cortina de proteção serve para atenuar o processo de luto e permitir que os profissionais continuem a prestar cuidados para os demais pacientes. Como resultado, muitos enfermeiros podem adotar mecanismos de enfrentamento ineficazes, tais como evitar o contato com pacientes em situações de fim de vida e compartimentalizar a experiência. Esta última reação resume-se ao fato de automatizar o processo de atendimento e separar a situação de cada paciente, passando de um atendimento ao outro, como de um departamento para o outro, transformando os atendimentos em pequenos compartimentos necessários de serem visitados continuamente, com certo distanciamento emocional. Dessa forma, quando um paciente morre, os profissionais lembram automaticamente que devem seguir adiante e cuidar dos outros (GEROW; CONEJO; ALONZO, et al, 2010).

A emoção é parte fundamental da atividade do enfermeiro, que não pode realizar o seu trabalho sendo emotivo demais ou sem emoção. Mas como descobrir este limiar entre a indiferença e o envolvimento emocional em demasia? Quanto a esse assunto, os autores do artigo A6 discorrem sobre a importância dada por Martin Heidegger para o viver de forma autêntica. Heidegger relata que o modo inautêntico de ser para a morte é uma postura fechada, traduzida como uma negação da morte. Tal estado é influenciado pelos costumes e hábitos, pelas emoções, padrões de pensamento, atitudes e pela conformidade com a norma social. Para mudar a postura em relação à morte é importante percorrer um caminho para a autenticidade, através da experiência, em direção a uma atitude de aceitação do ser-para-a-morte (HEIDEGGER, 2015).

Diante desta inautenticidade em relação à morte, prestadores de cuidados em saúde, de forma não intencional, adicionam sofrimento para pacientes vulneráveis no fim-da-vida. Os profissionais de saúde são, em grande parte, despreparados, tanto afetiva como cognitivamente para estar com pacientes terminais, ao ponto de não saberem o que fazer para ajudar pacientes e familiares. A formação do profissional de enfermagem pode ser citada como um aspecto relevante para ser analisado, pois os autores acreditam que a despreparação na academia contribui para que os sentimentos

VASCONCELOS,
Lucila Moura Ramos e
DUTRA, Elza Maria do
Socorro. A experiência
da morte De pacientes
para Profissionais de
enfermagem: uma
revisão integrativa.
SALUSVITA, Bauru, v. 37,
n. 2, p. 341-353, 2018

VASCONCELOS,
Lucila Moura Ramos e
DUTRA, Elza Maria do
Socorro. A experiência
da morte De pacientes
para Profissionais de
enfermagem: uma
revisão integrativa.
SALUSVITA, Bauru, v. 37,
n. 2, p. 341-353, 2018

negativos perante a morte predominem. Neste sentido, a exclusão da temática da morte durante o processo de formação dos profissionais da saúde faz com que os mesmos saiam despreparados para lidar com a situação.

Outros fatores foram elencados nos textos, como dificuldades para o enfrentamento das situações de morte de pacientes: 1- lidar com o desconhecido (com as perguntas que não têm resposta), alguns profissionais relataram o sofrimento em relação a não saber o que falar diante dos questionamentos de familiares e do próprio paciente sobre a sua situação de iminência da morte, em parte pelo fato de não poderem e em parte por efetivamente não terem certeza do que irá acontecer, nem de quando irá acontecer, pois estavam diante de questões ditas humanamente desconhecidas; 2- sentir-se sozinho na hora de lidar com a morte de pacientes, particularmente diante das famílias daqueles com maior vínculo, nestas ocasiões a enfermeira tida como referência para os parentes é procurada para os questionamentos e para o apoio; 3- lidar com a morte súbita, os óbitos esperados foram mencionados como sendo mais fáceis e menos propensos para provocar sentimentos negativos do que as mortes inesperadas, a morte súbita gera o sentimento de impotência e a culpa por nada daquilo que poderia ser feito, em relação aos cuidados e tentativas de cura, foi realizado; 4- o sofrimento desnecessário do paciente e da família nas tentativas de procrastinar a morte, por meio da busca da cura a qualquer custo (HOPKINSON; HALLETT; LUKER, 2003; SAINES, 1997; SHORTER; STAYT, 2010; KING; THOMAS, 2013).

Essas dificuldades podem levar os profissionais a adotar algumas posturas como: 1- o controle das emoções (os enfermeiros evitam ao máximo expressar o que sentem para demonstrar profissionalismo); 2- o distanciamento dos pacientes para evitar o estabelecimento de maiores vínculos (os profissionais relatam que sofrem mais diante da morte de pacientes mais próximos no convívio); 3- o cuidado com o corpo tido como prioritário (a ênfase no controle das máquinas, dos procedimentos, como forma de desenvolver as atividades sem envolvimento emocional) (HOPKINSON; HALLETT; LUKER, 2003; SHORTER; STAYT, 2010; KING; THOMAS, 2013; SILVA; VALENÇA; GERMANO, 2010; GEROW; CONEJO; ALONZO, *et al*, 2010).

A exposição repetida à morte e ao luto favorecem o desenvolvimento do estresse ocupacional e, finalmente, do *burnout*. O desligamento emocional (despersonalização) do cuidado dos moribundos pode ter um impacto na qualidade dos cuidados tanto do paciente próximo à morte como de seus familiares (GEROW; CONEJO; ALONZO, *et al*, 2010; HOPKINSON; HALLETT; LUKER, 2003; SAINES, 1997).

Também foi apresentado, como fator relevante para alguns autores^{9,10,13}, as experiências com a morte de pacientes no início da carreira. Segundo os autores, a morte de pacientes no início da carreira do profissional de enfermagem define a forma como ele lida com a morte de pacientes no futuro. Se o profissional se sentiu isolado, indefeso e não teve suporte durante uma experiência significativa no início da carreira, fica traumatizado. Esse trauma é levado adiante e reflete nas próximas experiências, os pensamentos de culpa podem acompanhar o enfermeiro durante anos. Por outro lado, quando os enfermeiros têm boas experiências de suporte com a morte de pacientes, levam como uma referência positiva para o resto da vida (WONG; LEE; LEE, 2000; GEROW, CONEJO; ALONZO, *et al*, 2010; HOPKINSON; HALLETT; LUKER, 2003).

Apesar dos aspectos negativos provocados pela vivência da morte de pacientes, essa experiência pode contribuir para a mudança da visão de mundo dos profissionais de enfermagem. Os autores do artigo A1 relataram que, durante as entrevistas, os enfermeiros falaram sobre as crenças religiosas e de como essas fazem parte da sua visão de mundo. Os profissionais consideravam que a sua fé ou a sua crença na vida após a morte tinham se aprofundado ou sido transformadas em virtude das experiências com os pacientes em situações de fim de vida. Alguns enfermeiros pareciam encontrar o seu caminho através da experiência, quase como se eles tivessem sido conduzidos por algo fora do seu próprio reino de saber. A experiência da morte do outro promoveu, portanto, reflexões sobre as crenças quanto à morte e quanto à própria vida (GEROW; CONEJO; ALONZO, *et al*, 2010).

Outro aspecto importante a ser mencionado quanto à vivência das situações de morte está presente no artigo A6. Segundo os autores, alguns enfermeiros apresentaram comportamentos voltados para a aceitação da morte. As suas narrativas indicaram a visão da morte com autenticidade, similar ao proposto por Heidegger com o conceito do ser-para-a-morte, e que essa visão contribuía para auxiliar os pacientes e familiares (SENO, 2010).

Diante do exposto, existem caminhos que podem contribuir para uma mudança na postura dos enfermeiros perante a morte do outro. O suporte psicológico no ambiente de trabalho, o compartilhamento das experiências com os colegas de trabalho, as reflexões sobre a ênfase na cura, a busca da aceitação da morte como parte da vida, enfim, o entendimento do ser-para-a-morte. Afinal de contas, como afirma Merdad Boss (1981), as profissões dos homens, aos quais querem curar outros, doentes, estão orientadas tanto para o viver como para o morrer.

VASCONCELOS,
Lucila Moura Ramos e
DUTRA, Elza Maria do
Socorro. A experiência
da morte De pacientes
para Profissionais de
enfermagem: uma
revisão integrativa.
SALUSVITA, Bauru, v. 37,
n. 2, p. 341-353, 2018

VASCONCELOS,
Lucila Moura Ramos e
DUTRA, Elza Maria do
Socorro. A experiência
da morte De pacientes
para Profissionais de
enfermagem: uma
revisão integrativa.
SALUSVITA, Bauru, v. 37,
n. 2, p. 341-353, 2018

CONCLUSÕES

A dificuldade de lidar com a morte de pacientes gera consequências para os profissionais, para os pacientes em situações de fim-de-vida e para os familiares (dos pacientes e dos profissionais, os quais levam para a própria vida os sofrimentos do trabalho). Pode-se dizer, portanto, que as consequências deste fenômeno impactam em muitas vidas. O que torna ainda mais relevante a realização destas pesquisas. Pelo levantamento nos bancos de dados, pode-se verificar a necessidade de ampliar os estudos sob essa temática na ótica da fenomenologia.

Ampliar essas pesquisas contribui para gerar reflexões para as instituições hospitalares, para as universidades, para os próprios profissionais e para a sociedade como um todo. A morte apresenta-se como uma certeza, resta-nos escolher a forma de lidar com ela. Para tanto, torna-se importante que os profissionais de saúde tenham suporte psicológico, apoio dos próprios colegas de trabalho e momentos de orientação e reflexão sobre a vivência da morte do outro.

REFERÊNCIAS

- ARIÈS, P. **História da morte no ocidente**. Rio de Janeiro: Ediouro, 312 p. 2003.
- BERNIERI, J.; HIRDES, A. O preparo dos acadêmicos de enfermagem brasileiros para vivenciarem o processo morte-morrer. **Texto Contexto Enferm**. Santa Catarina, v. 16, p. 89-96, Jan-Mar. 2007.
- BRETAS, J. R. S.; OLIVEIRA, J. R.; YAMAGUTI L. Reflexões de estudantes de enfermagem sobre morte e o morrer. **Rev Esc. Enferm USP**. São Paulo, v. 40, p. 477-83, 2006.
- BOSS, M. **Angústia, culpa e libertação**. 3 ed. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 79p. 1981.
- BOTELHO, L. L. R.; CUNHA, C. C. A.; MACEDO, M. O método da revisão integrativa nos estudos organizacionais. **Gestão e Sociedade**. Belo Horizonte, v. 5, n. 11, p. 121-136, Maio-Ago. 2011.
- COSTA, J. C. et al. O enfermeiro frente ao paciente fora de possibilidades Terapêuticancológicas: uma revisão bibliográfica. **Vita et Sanitas**. Trindade, v. 2, p. 150-161, 2008.
- DUTRA, E. A narrativa como técnica de pesquisa fenomenológica. **Estudos de Psicologia**. Natal. v. 7, p. 371-378, Jul-Dez, 2002.
- GEROW, L.; CONEJO, P.; ALONZO, A. et al. Creating a Curtain of Protection: Nurses' Experiences of Grief Following Patient Death. **Journal Nursing Sholarship**, Kansas, v. 42, p: 122-129, Jun., 2010.
- GUTIERREZ, B. A. O.; CIAMPONE, M. H. T. Profissionais de enfermagem frente ao processo de morte em unidades de terapia intensiva. **Acta paul. Enferm**. Rio de Janeiro, v. 19, p. 456-461, Out- Dez, 2006.
- HEIDEGGER, M. **Ser e Tempo**. 10 ed. Petrópolis: Vozes, 600 p. 2015.
- HOPKINSON, J. B.; HALLETT, C. E.; LUKER, K. A. Caring for dying people in hospital. **Journal of Advanced Nursing**. Southampton, v. 44, p. 525-533. Dez, 2003.
- KING, P. A.; THOMAS, S. P. Phenomenological Study of ICU Nurses' Experiences Caring for Dying Patients, **Western Journal of Nursing Research**. New York, v. 35, p. 1292-1308. Nov, 2013.
- KONGSUWAN, W.; MATCHIM, Y.; NILMANAT, K. et al. Lived experience of caring for dying patients in emergency room. **International Nursing Review**. Geneva, v. 63, p. 132-138. Mar, 2016.
- VASCONCELOS, Lucila Moura Ramos e DUTRA, Elza Maria do Socorro. A experiência da morte De pacientes para Profissionais de enfermagem: uma revisão integrativa. **SALUSVITA**, Bauru, v. 37, n. 2, p. 341-353, 2018

VASCONCELOS,
Lucila Moura Ramos e
DUTRA, Elza Maria do
Socorro. A experiência
da morte De pacientes
para Profissionais de
enfermagem: uma
revisão integrativa.
SALUSVITA, Bauru, v. 37,
n. 2, p. 341-353, 2018

KOVÁCS, M. J. Sofrimento da equipe de saúde no contexto hospitalar: Cuidando do cuidador profissional. **O Mundo da Saúde**. São Paulo, v. 34, p. 420-429, 2010.

LEUNG, D.; ESPLÉN, M. J.; PETER, E. et al. How haematological cancer nurses experience the threat of patients' mortality. **Journal of Advanced Nursing**. Oxford, v. 68, p. 2175–2184. Out, 2012.

MENDES, K. D. S.; SILVEIRA, R. C. C. P.; GALVÃO, C. M. (2008). Revisão integrativa: método de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na enfermagem. **Texto Contexto Enferm**. Florianópolis, v. 17, p. 758-764, Out-Dez, 2008.

MOREIRA, V. O método fenomenológico de Merleau-Ponty como ferramenta crítica na pesquisa em psicopatologia. **Psicologia: Reflexão e Crítica**. Porto Alegre, v. 17, p. 447-456. 2004

SAINES, J. C. Phenomenon of sudden death: Part I. Accident and Emergency Nursing. **Pearson Professional**. London, v. 5, p. 164-171, 1997.

SARAMAGO, J. **Intermitências da morte**. São Paulo: Companhia das Letras, 207p. 2005.

SENO, V. L. Being-With Dying: Authenticity in End-of-Life Encounters. **American Journal of Hospice & Palliative Medicine**, Tennessee, v. 27, p. 377-386, 2010.

SILVA, L. C. S. P.; VALENÇA, C. N.; GERMANO, R. M. (2010). Percepções dos profissionais de enfermagem intensiva frente a morte do recém-nascido. **Rev Bras Enferm**. Brasília, v. 63, p. 238-42, Mar-Abr, 2010.

SHORTER, M.; STAYT, L. C. Critical care nurses' experiences of grief in an adult intensive care unit. s. **Journal of Advanced Nursing**. London, v. 66, p. 159-167. 2009.

WONG, F. K. Y.; LEE, W. Y.; LEE, W. M. A phenomenological study of early nursing experiences in Hong Kong. **Journal of Advanced Nursing**. London, v. 31, p. 1509-1517. 2000.